



REVISTA PORTUGUESA DE HISTÓRIA

TOMO XX

INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA
1983

Mas — frísemo-lo — estas considerações em nada pretendem ensombrar o valor real da obra.

Obra que, a nosso ver, e para o que é actualmente considerado como o polo aglutinador da região centro ⁽¹³⁾, se reveste ainda de uma importância maior, uma vez que, em conjunto com a recente obra de Maria Helena da Cruz Coelho ⁽¹⁴⁾, permite uma visão bastante ampla da vida nesta região durante os séculos xn-xv. Surja agora o respectivo estudo sobre a vida urbana e o mesmo tipo de trabalho para as restantes regiões do país que, como muito bem frisa o A., apresentam estruturas bastante diferentes, tanto a Norte do Douro como a Sul do Tejo.

MARIA ALEGRIA FERNANDES MARQUES

AMADEU TORRES — *Noese e crise na epistolografia latina goisiana.*

I: *As cartas latinas de Damião de Góis. Introdução, texto crítico e versão. Prefácio de José V. de Pina Martins, 451 pp. ;*

II: *Damião de Góis na mundividência do Renascimento.*

Análise ideológica, estético-linguística, apêndice diplomático, 377 pp. Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris, 1982.

Amadeu Torres foi solicitado em 1955 pelo Prof. Reis Santos para traduzir a correspondência latina de Damião de Góis. Desde então, até à defesa da tese de doutoramento, pela Faculdade de Letras de Lisboa, em 1980, com os dois títulos aqui indicados, e até à sua publicação em Paris, em 1982, não deixou mais de se ocupar (e sobretudo de se «preocupar», a ponto de várias vezes ter tido a tentação de desistir...) com toda a problemática literária e cultural levantada por Damião de Góis. Trata-se de um investigador que tem as boas bases latinas e gregas do Seminário Conciliar de Braga (como aluno e professor), da Faculdade de Filo-

⁽¹³⁾ Coimbra e a sua região.

⁽¹⁴⁾ *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média (Estudo de história rural)*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra, 1983.

sofia de Braga (como aluno e professor), das Faculdades de Letras de Coimbra (onde iniciou o curso de Filologia Clássica) e de Lisboa (onde o concluiu) e que viajou e conviveu (mesmo sem «bolsas de estudo de curta duração») com os principais centros de estudo do Humanismo Renascentista da Europa hodierna. Para utilidade dos leitores seguimos uma apresentação da obra um pouco diferente da adoptada na edição.

Com a abertura do n.º vol. pretende o A. situar Damião de Góis na sua época. Ainda que de modo não sistemático, são fornecidos os elementos biográficos essenciais, alguns dos quais fruto de pesquisa agora aprofundada. Perpassam depois, sempre com muita erudição e abundantes remissões bibliográficas no rodapé, as relações da Idade Média, sobretudo na sua fase final, com o Renascimento; as correntes platónicas e o aristotelismo teológico; e os movimentos eclesiais do ecumenismo, írenismo, concordismo e evangelismo. Entrando no estudo do Humanismo, confronta-o com o experimentalismo e os descobrimentos; passa à obra de Valia, «o criador da crítica textual» (pp. 18-19) e à discussão do conceito de «barbárie medieval», corrente entre os humanistas; ocupa-se do Grego na Europa e na Espanha; enfronha-se nas questões do ocultismo, heresia e Inquisição; e chega a um dos objectivos da sua investigação prioritária: o erasmismo na Europa e na Hispania, as relações e a influência de Erasmo sobre Damião de Góis.

Detém-se então A. Torres na corrente ciceroniana, que desde Petrarca cresce ao longo dos séculos xiv, xv e xvi, contraditada por outros que não desdenham o eclectismo dos bons autores de toda a Latínidade. Embora tardiamente, as tendências ciceronianas chegaram também a Portugal, como o demonstra a referência documentada de autores nossos que vão desde Henrique Caiado até D. Jerónimo Osório e outros prosadores e poetas do fim deste século xvi (pp. 129-141). É chegado o momento de estudar o Latim de Damião de Góis em comparação com o dos grandes modelos latinos. Previamente, porém, apresentam-se as opiniões até hoje emitidas, por vezes contraditórias e quase sempre depreciativas, sobre a qualidade do Latim de Damião de Góis (salvo, evidentemente, o parecer dos humanistas seus amigos). De facto, pode dar-se como certo que, quando passou a receber lições de Grapheus, em 1529, em Antuérpia, já Damião de Góis tinha sido

iniciado no Latim. Veio depois o seu contacto com Goclénio e com Erasmo, a sua estadia de quatro anos em Pádua, o convívio com altas figuras do Humanismo europeu. Na época da sua maturação, Góis era «um latinista cōscio da multiplicidade de recursos de uma língua que acaba de conseguir manejar com perícia» (p. 193).

A prova do domínio que Damião de Góis tinha do Latim é feita através da edição crítica e do estudo das 37 cartas que dele nos restam. É este o trabalho realizado por Amadeu Torres ao longo de todo o I volume. Numa primeira parte é dado o *texto latino* com minucioso aparato crítico de variantes, seguido de anotações sobre os possíveis modelos ou desvios da boa latinidade de Damião de Góis. Trata-se de um trabalho ciclópico, percorrendo os autores clássicos e cristãos, em busca de lugares paralelos ou de construções semelhantes e divergentes.

Vem em seguida a tradução de cada uma das cartas, enriquecida igualmente de anotações. Enquanto as notas da primeira parte são de carácter gramatical, estas agora são muito mais diversificadas, porque abrangem a história, a geografia, a língua, a literatura, a cultura — tudo quanto possa ajudar a interpretar o texto. Na carta V chega-se ao ponto de, para um texto de 5 linhas, redigir 4 páginas de comentários, em corpo 8. Mas não se trata de pedantismo. A carta XXX, com uma página de texto latino, é comentada em meia página de notas. No seu conjunto, a edição crítica com os comentários ao texto latino e à tradução portuguesa constituem um monumento de erudição, uma prova excessiva da capacidade e do saber filológico de Amadeu Torres. Ao concluir este I vol. com uma «sinopse aportacional», o A. pode dar-se por satisfeito por ter conseguido estabelecer em bases sólidas um juízo seguro sobre a Latinidade de Damião de Góis.

Voltemos, pois, ao *II volume*, para apreciar o valor do Latim de Damião de Góis em cada uma das fases da sua epistolografia : a de Antuérpia (1531-1533), a de Friburgo e Pádua (1534-1538), a de Lovaina (1539-1545) e a de Lisboa (1546-1567). Tomando já a conclusão deste profundo estudo literário e estatístico, registamos que Damião de Góis estaciona entre 3/4 e 2/3 no cicero-nianismo, mantendo-se sempre, no entanto, com uma faixa de eclectismo onde há cores de Tito Livio, Plauto, Virgílio, Horácio, César e outros. Esta conclusão alicerça-se também na compara-

ção das cláusulas métricas e na composição interna de cada período, dissecando o número das suas proposições.

Perante um estudo assim tão bem alicerçado, pode A. Torres rebater com segurança todos os que se pronunciaram desfavoravelmente contra o estilo latino (e português, pp. 255-259) de Damião de Góis. Como pedra de toque lá está o capítulo sobre a *concinitas* (simetria) e a *uariatio* (assimetria) em Cícero e em Góis. Na sua ânsia de quantificar os resultados da análise filológica, Amadeu Torres recorreu também ao computador. É certo que, para não sobrecarregar este vol. n, acabou por «deitar fora» cerca de 300 páginas de concordâncias, reportório geral das formas e de lemas. Mas reteve os seus resultados, em numerosos quadros, gráficos e painéis diagramáticos.

Perante as respostas obtidas, compreende-se que Amadeu Torres tenha assumido a tarefa de «recompor o retrato um tanto esbatido e em parte falseado de Damião de Góis» (p. x) ou, como diz também, «libertá-lo da condição de explorado e oprimido em que se encontrava, num quase ghetto da literatura humanística» (p. 313). Por vezes, esta posição sistemática de advogado de defesa terá mesmo ido longe demais, procurando desculpar vários dos seus erros (pp. 300-306).

A trabalho tão bem urdido e escrito com tanta elevação — não raro até num estilo «difícil» e quase hermético — nós não poderíamos apresentar senão pequenos desacordos. Não escreveríamos Paulo Gíovio (mas *Jóvio*) ; não aceitamos sem alguma explicação que a imitação de Cícero chegue a 105,5 %, 117,7 % e até a 149,2 % (p. 187-197). Ainda que difícil (e caro) o capítulo sobre as cláusulas métricas devia ser acompanhado de sinais prosódicos sobre as respectivas sílabas e a classificação de cada cláusula. Não basta dizer que os especialistas dispensam estas anotações. Evite-nos esse trabalho! Achamos estranha a remissão para o texto latino, indicando primeiro a linha e depois o número da carta. Nós temos que seguir exactamente o método contrário (pp. 245*-253).

Se algum leitor quisesse apenas colher a flor desta investigação, leria somente o capítulo de «conclusão e sinopse global» (pp. 313-319). O amante da gravura, da arte, da paleografia e da diplomática poderá deleitar-se longamente na observação das dezenas de extratextos em papel *couché* e o volumoso apêndice

documental (não numerado, por vezes com folhas dobradas). Numerosos índices enriquecem e facilitam a consulta de ambos os volumes.

Pretendemos sempre, ao longo desta recensão, resumir ao máximo o que tínhamos para dizer. Mas o que deixámos escrito chega para que o leitor conclua (e não sairá enganado) que está perante uma das mais portentosas teses de filologia clássica jamais apresentada entre nós. E neste caso a filologia fornece um valioso contributo para a História da Cultura.

JOSÉ GERALDES FREIRE